

## Fontes femininas na cobertura das negociações de paz na Colômbia<sup>1</sup>

Patrícia DAL MOLIN<sup>2</sup>

Angela ZAMIN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### RESUMO

O artigo analisa a presença de fontes femininas no jornalismo internacional. Para tanto, parte de um corpus de 377 textos informativos que versam sobre as negociações de paz entre o governo da Colômbia e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), publicados na editoria de Internacional de *O Estado de S. Paulo* no período 2012-2017. Por meio de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011; HERSCOVITZ, 2007), e com base em um Protocolo de Análise de Fontes (FONSECA JÚNIOR, 2009), foram identificadas 832 fontes, distribuídas em seis categorias. Aqui, todavia, foram trabalhadas três delas – institucionais e organizacionais governamentais, institucionais e organizacionais não governamentais e individuais – que, juntas, correspondem a 636 fontes. Desse total, apenas 69 são femininas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Internacional; Fontes; Gênero; *O Estado de S. Paulo*; Análise de Conteúdo.

### Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo analisar a presença de fontes femininas no Jornalismo Internacional. Para tanto, considera matérias que versam sobre as negociações de paz entre o governo da Colômbia e os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), publicadas na editoria de Internacional do jornal de referência<sup>4</sup> *O Estado de S Paulo*, no período de 23 de janeiro de 2012 e 17 de março de 2017. No total, foram analisados 377 textos informativos entre notícias, notas, reportagens, reportagens especiais, entrevistas e perfis, que conformam o corpus de uma pesquisa mais ampla.<sup>5</sup> Interessa-nos identificar e discutir o percentual de fontes femininas acionadas nessas publicações, e porque ainda é difícil encontrar mulheres como fontes no Jornalismo Internacional.

Empregamos a metodologia da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011; HERSCOVITZ, 2007) e, a partir de um Protocolo de Análise de Fontes, elaborado com

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: [patriciadalmolin2009@hotmail.com](mailto:patriciadalmolin2009@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: [angelazamin@gmail.com](mailto:angelazamin@gmail.com)

<sup>4</sup> Sobre jornalismo de referência ver: Zamin (2014).

<sup>5</sup> Trata-se de pesquisa desenvolvida no âmbito da disciplina de Jornalismo Internacional.

base em Fonseca Júnior (2009), fizemos a coleta de dados da pesquisa a partir do corpus anteriormente indicado. Nessa primeira parte da análise, identificamos em cada texto informativo o gênero jornalístico, a autoria, o local da pauta, o conteúdo e a conotação da mensagem, o enquadramento da matéria e as fontes. Essas foram divididas em seis categorias – jornalísticas; institucionais e organizacionais governamentais; institucionais e organizacionais não governamentais; individuais; documentais e sem identificação – e subdivididas em grupos. Para tanto, consideramos as categorias propostas por Eriscon et al. (1991 apud Santos, 1997).<sup>6</sup>

### **O começo e o fim de tudo**

A história da Colômbia é marcada pela violência. Durante o domínio espanhol, o objetivo de libertação levou a várias guerras civis. A Guerra dos Mil dias (1899-1902) e o período La Violencia (1948-1958), por exemplo, marcaram a história do país. A origem das Farc remonta ao acampamento Marquetalia que reunia cerca de 50 homens que lutaram durante “A Violência” com suas famílias. À frente do grupo estava Manuel Marulanda Vélez, conhecido como Tirofijo, combatente treinado nas guerrilhas liberais dos anos 1950, que se tornou o primeiro chefe das Farc. Depois de derrota em ofensiva militar do governo, em 1964, Marulanda fundou um grupo guerrilheiro chamado Bloco Sul que, em 1966, adotou o nome Farc (PARDO, 2000 apud GUEVARA, 2010).

No início dos anos 1980, as Farc decidiram que tomariam o poder. Ainda no final dessa década, com o surgimento e ascensão de grupos paramilitares de direita, a violência armada foi aprofundada. O narcotráfico passou a formar parte do conflito. González Bustelo (2010, s/p) afirma que “el dinero fácil del narcotráfico há agravado la guerra porque los grandes flujos financeiros asociados a este tráfico han permitido a todos los grupos armados autofinanciarse”. Na década de 1990, a estratégia das Farc eram os ataques a povoados, a bases militares e a quartéis de polícia e o sequestro de civis para a cobrança de resgates. Durante esses anos foram vários mortos e muitos reféns. O fato que mais chamou a atenção do mundo foi o sequestro da então candidata à presidência Ingrid Betancourt, em 2002, libertada depois de seis anos.

Desde os anos de 1980 o governo tenta fazer acordos de paz com as Farc e fracassa. A primeira tentativa foi em março de 1984, no governo de Belisário

---

<sup>6</sup> Eriscon et al. (1991 apud Santos, 1997, p. 76-77) apresenta cinco categorias de fontes jornalísticas: jornalistas, instituições e organizações governamentais, instituições e organizações não governamentais; cidadãos individualizados e sem identificação ou “fontes não específicas”. A elas, no Protocolo de Análise de Fontes, acrescentamos as fontes documentais, designadas também como fontes de tipo zero.

Betancour. Outras tentativas, também falhas, se deram em 1991, com César Gaviria, e 1999, em processo que durou até 2002, e Andrés Pastrana. Nos anos 2000 as Farc atingiram sua maior capacidade militar, com cerca de 20 mil homens.

No governo de Álvaro Uribe (2002-2010) o comando das Farc sofreu grandes golpes. Além da morte por causas naturais de “Tirofijo”, Raúl Reyes, responsável internacional da guerrilha, foi morto em operação do exército, em 2008. Já com Juan Manuel Santos, atual presidente, foram assassinados Jorge Briceño (Mono Jojoy), em 2010, em um bombardeio, e Alfonso Cano, sucessor de “Tirofijo”, em 2011. Pismel e Chagas (2014, p. 75) relatam que “os oito anos do governo Uribe foram marcados pela maior ofensiva militar do Estado contra a insurgência armada”. De acordo com os autores, “também cresceram os casos de perseguição e ameaças a civis do movimento social, judicializações e assassinatos de lideranças” (p. 75).

No dia 17 de outubro de 2012 se iniciaram, formalmente, as negociações para um acordo de paz a pedido do então presidente Juan Manuel Santos e do novo líder das Farc, Rodrigo Londoño, identificado como Timoleón Jiménez ou Timochenko.<sup>7</sup> As negociações ocorreram em Havana, com Cuba e Noruega como avaliadores externos e Chile e Venezuela como acompanhantes. A questão central nos diálogos da paz foi a questão fundiária devido ao fato de a Colômbia ser um país essencialmente agrário. Segundo Pismel e Chagas (2014, p. 53),

[...] a questão da terra é central nos diálogos de paz porque a Colômbia é um país essencialmente agrário. Apesar das grandes metrópoles, como a capital Bogotá, quarta maior cidade da América do Sul com seus 7,2 milhões de habitantes, mais de três quartos dos municípios colombianos são predominantemente rurais. Eles ocupam 95 do território do país, onde vive um terço da população.

As negociações visavam ao encerramento de um dos mais antigos conflitos da América Latina, com milhares de vítimas, mortos, desaparecidos e deslocados. Em 26 de setembro de 2016, em cerimônia histórica,<sup>8</sup> o governo e as Farc assinaram em Cartagena das Índias, na presença de autoridades de inúmeros países, o acordo de paz discutido durante quatro anos. Levado à votação por meio de plebiscito, em 2 de outubro, o acordo de paz foi recusado pela população colombiana por 50,21% dos

<sup>7</sup> RUSSO, Guilherme. Farc e governo da Colômbia retomam em Oslo negociação de paz após 10 anos. **Estado**, ano 133, n. 43465, p. A20, 18 out. 2012.

<sup>8</sup> SIMAS, Fernanda. Farc e governo assinam acordo de paz. **Estado**, São Paulo, ano 137, n. 44905, p. A13, 27 set. 2016.

votos.<sup>9</sup> Nova rodada de negociações foram realizadas entre o governo colombiano e a guerrilha, bem como entre o governo e políticos contrários ao acordo, nos meses de outubro e novembro de 2016. O novo acordo, assinado em 24 de novembro de 2016,<sup>10</sup> foi enviado à apreciação do Congresso colombiano, e não à plebiscito popular, que o ratificou nos dias 29 e 30 de novembro, respectivamente, no Senado e na Câmara dos Deputados.<sup>11</sup> A Lei da Anistia para guerrilheiros das Farc, primeiro passo para a consolidação do acordo de paz, foi aprovada pelo Congresso no final de dezembro.

O fim dos 52 anos de conflito armado foi declarado em 1º de fevereiro de 2017, pelo governo colombiano e as Farc após a mobilização de 6,3 mil guerrilheiros para as zonas onde será realizado o desarmamento do grupo,<sup>12</sup> entre março de junho.

### Fontes no jornalismo internacional

O jornalismo internacional conta com a particularidade de variar seu objeto de interesse de acordo com a procedência nacional do repórter que apura a com a localização (física, geográfica) do veículo ao qual a matéria se destina. É desta forma que nesta área, o que for exterior para uns não o será para outros; e o assunto que é “domestico” para um país é “internacional” para todos os demais. (AGUIAR, 2008 p. 17).

O maior desafio dos jornalistas na cobertura internacional é ter acesso aos fatos que relatam. Como o número de correspondentes é pequeno, em muitos jornais a maior parte do trabalho acaba sendo feito diretamente nas redações. Na maioria das vezes, o trabalho nas editorias de Internacional consiste na reciclagem de informações que são fornecidas por agências internacionais de notícias. Segundo Aguiar (2008, p. 31-32), “é consenso que a principal fonte de pautas para as editorias de Internacional continuam sendo as agências. Esta prática [...] na Internacional é feita com as agências e o material que fornecem”.

As fontes têm muita importância nas coberturas internacionais, visto que, como muitos repórteres não conseguem chegar ao local dos acontecimentos, são as fontes que auxiliam no relato. Elas precisam corresponder a “três grandes atributos para que se cristalize em conceito jornalístico: autoridade, produtividade e credibilidade. Estes

<sup>9</sup> SIMAS, Fernanda. Acordo com as Farc é rejeitado em plebiscito; governo pede mais diálogo. **Estado**, São Paulo, ano 137, n. 44911, p. A22, 3 out. 2016.

<sup>10</sup> COLÔMBIA e Farc assinam novo acordo de paz e pedem rapidez ao Congresso. **Estado**, São Paulo, ano 137, n. 44964, p. A12, 24 nov. 2016.

<sup>11</sup> CONGRESSO da Colômbia ratifica novo acordo entre governo e Farc. **Estado**, São Paulo, ano 137, n. 44970, p. A16, 1º dez. 2016.

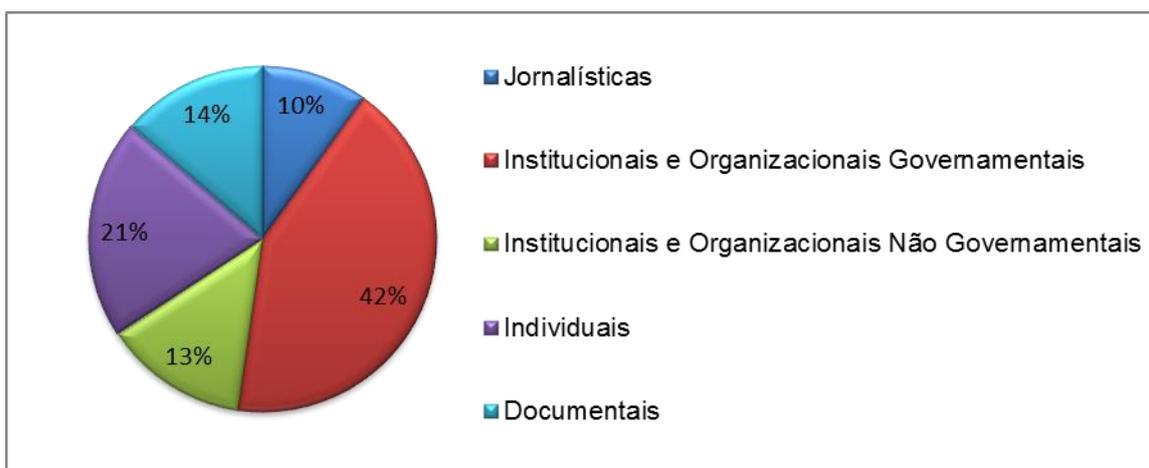
<sup>12</sup> FARC se deslocam para entrega de armamento. **Estado**, São Paulo, ano 18, n. 45003, p. A12, 2 fev. 2017

atributos estão diretamente vinculados aos processos jornalísticos, ao tempo de produção do jornalismo e ao enquadramento dos acontecimentos” (BERGER e MAROCCO, 2009, p. 143).

Esse conceito se expressa não apenas nas vozes selecionadas (e em suas falas destacadas), mas também na abordagem do tema: os aspectos recortados, os problemas colocados em relevo, a ordem em que as informações são apresentadas. Assim, uma matéria jornalística assegura enquadramentos mais ricos — que partem da visão do veículo, mas, também, tentam abarcar um pouco mais da complexidade do cotidiano — quando ouve mais fontes de informação, expõe diferentes possibilidades de causas e soluções para as situações retratadas, procura dados de pesquisas científicas e divulga as consequências do fato anunciado. (VIVARTA, MELO, 2011, p. 18).

No estudo realizado, dos 377 textos informativos do jornal *O Estado de S. Paulo*, identificamos a presença de 832 fontes, a maioria delas da categoria Institucionais e Organizacionais Governamentais. Em 37 textos não há fontes indicadas como origem da informação. As fontes estão assim distribuídas: 82 fontes Jornalísticas (10% do total); 353 fontes Institucionais e Organizacionais Governamentais (42%); 112 Institucionais e Organizacionais Não Governamentais (13%); 171 Individuais (21%), e 114 Documentais (14%) (**Gráfico 1**). Se considerarmos os 340 textos jornalísticos em que há fontes, há uma média de 2,5 fontes por texto.

**Gráfico 1:** Fontes no *Estadão* (2012-2017), por categoria



Fonte: Elaborado pelas autoras

Aqui, entretanto, interessa-nos discutir acerca da presença de fontes femininas na cobertura das negociações de paz na Colômbia em *O Estado de S. Paulo*. Para tanto,

iremos considerar um número menor de fontes, 636, visto ser necessário descontar do total as 82 fontes jornalísticas (jornalistas, agências e meios-fonte), bem como as 114 fontes documentais. Apesar do número ainda expressivo, as mulheres pouco aparecem como fontes nos textos analisados.

### **Mulheres como fontes na editoria de Internacional**

Embora as mulheres nas últimas décadas tenham ocupado cargos de destaque, elas são pouco procuradas como fontes. O site *Think Olga*, que é o criador do projeto “Entreviste uma mulher”, afirma que parte dessa ausência acontece porque faltam mulheres em algumas áreas e porque há um número menor de mulheres em posições de liderança.

A ideia é combater essa baixa presença feminina conectando as profissionais aos veículos de comunicação. Parte dessa ausência acontece porque faltam, sim, mulheres em algumas áreas, como as engenharias, por exemplo. Há também um menor número de mulheres em posições de liderança, sejam colunistas, blogueiras, CEOs ou diretoras de empresa. (THINKOLGA, 2015) [documento eletrônico].

Iniciativa semelhante teve o site paraibano *Gênero e Mídia* com o objetivo de diminuir a desigualdade de participação entre homens e mulheres como fontes no jornalismo. Em análise das mídias eletrônicas, o site constatou que a representação feminina é escassa. Em 2010, a revista *Superinteressante* realizou uma pesquisa para analisar todas as pessoas entrevistadas pelo veículo de acordo com o gênero. O resultado indicou que 77% do total de pessoas ouvidas eram homens, ou seja, aproximadamente uma em cada quatro fontes eram mulheres.

Destaca-se a pesquisa conjunta da ANDI: Comunicação e Direitos e do Instituto Patrícia Galvão: Mídia e Direitos (VIVARTA, MELO, 2011) acerca da cobertura jornalística da agenda de direito das mulheres. Também as investigações de Woitowicz e Rocha (2014) sobre o processo de produção de representações do masculino e do feminino por meio dos discursos jornalísticos. Em *Mujeres en los medios, mujeres de los medios*, Jorge Alonso (2004, p. 72-73) afirma que “la discriminación sufrida por las mujeres es la más antigua y persistente en el tiempo, la más extendida en el espacio, la que más formas ha revestido (desde la simple y brutal violencia, hasta los más sutiles comportamientos falsamente protectores) y la más primaria, porque siempre se añade a todas las demás”.

No Jornalismo Internacional não é muito diferente. Das 636 fontes localizadas nos textos informativos do *Estadão* sobre as negociações de paz da Colômbia, das categorias fontes institucionais e organizacionais governamentais (353 fontes), institucionais e organizacionais não governamentais (112) e individuais (171), apenas 69 eram fontes femininas contra 467 masculinas, além de 100 designadas de modo genérico. Ou seja, enquanto 73% das fontes são homens, apenas 11% são mulheres.

**Tabela 1:** Fontes por gênero em *O Estadão de S. Paulo* (2012-2017)

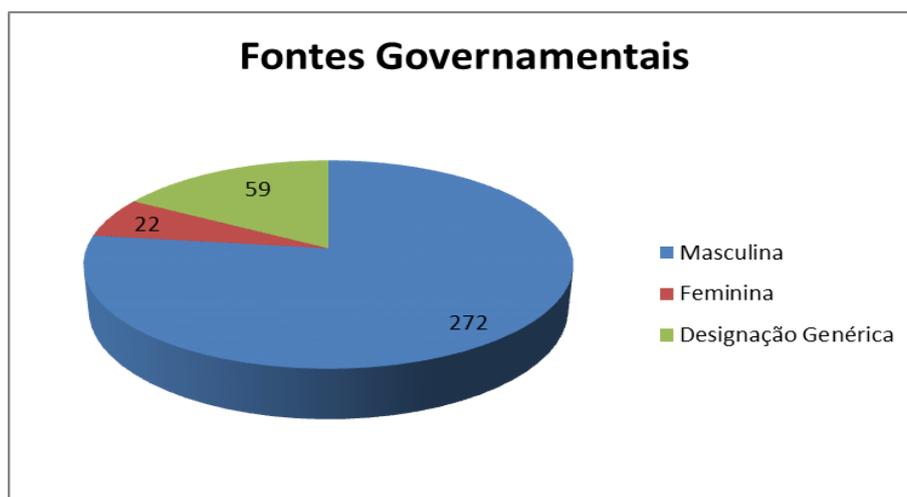
CATEGORIAS	GÊNERO		
	Masculina	Feminina	Genérico
<b>Institucionais e Organizacionais Governamentais</b>	272	22	59
<b>Institucionais e Organizacionais Não Governamentais</b>	80	6	26
<b>Individuais</b>	115	41	15
<b>TOTAL</b>	<b>467</b>	<b>69</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras

A **Tabela 1** mostra a enorme diferença entre as fontes femininas e masculinas e como as mulheres são pouco procuradas como fontes no jornalismo, visto que se percebe grande diferença em todas as categorias de fontes apresentadas. Segundo Silva (2010, p. 157), isso ocorre porque “o masculino se destaca no topo da hierarquia de valores, como se refletissem uma imbricação dos valores com a cultura da sociedade de que é parte”. Podemos perceber que as mulheres tem um lugar de razão e domínio, mas, como afirma o site *Think Olga*, faltam mulheres em áreas específicas, visto que ainda existem profissões que são extremamente masculinas.

A seguir, os gráficos que ilustram a porcentagem de homens e mulheres como fontes nas matérias publicadas por *O Estado de S. Paulo*, conforme a Categoria que ocupam:

**Gráfico 1:** Fontes Governamentais, por gênero, no *Estadão* (2012-2017)



**Fonte:** Elaborado pelas autoras

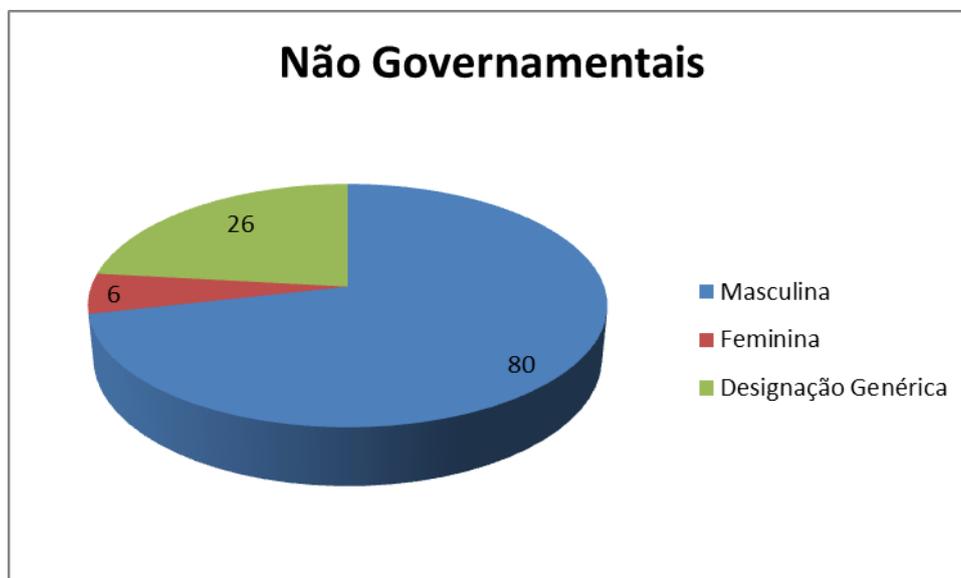
As fontes indicadas como genéricas fazem referência a autoridades sem, contudo, determinar nome e, às vezes, função ou cargo, como, por exemplo, “assessores”, “autoridades colombianas”, “autoridades locais”, “diplomata colombiano” e “uma fonte de segurança”. Outras vezes, os textos informativos atribuem a instituições a origem das informações, como “exército colombiano”, “fontes do Ministério da Defesa da Colômbia”, “governo colombiano”, etc.

Entre as fontes institucionais e organizacionais governamentais o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos é a fonte masculina mais acionada, 110 vezes. Depois dele, o negociador-chefe do governo colombiano, ex-vice-presidente Humberto de la Calle, 27 vezes; o ministro da Defesa colombiano, Juan Carlos Pinzón, 13 vezes; o senador Álvaro Uribe, ex-presidente, 19 vezes – que também aparece na contagem das fontes individuais no período em que não ocupava nenhum cargo político –; o alto comissionado de paz do governo, Sérgio Jaramillo, negociador representante do governo colombiano, 11 vezes.

Já entre as fontes femininas, em número expressivamente inferior às demais, apenas três mulheres são citadas mais de uma vez: a chanceler colombiana Ángela Holguín, três vezes, e a porta-voz do Departamento de Estado americano, Victoria Nuland, e a psicóloga Mírian Cantor, da Secretaria de Integração Social de Bogotá, duas vezes cada. Ainda, são mencionadas uma única vez as seguintes autoridades colombianas: as ministras María Fernanda Campo, da Educação, e Ruth Stella Correa,

da Justiça; as embaixadoras Maria Emma Mejía, na ONU, e Patricia Cárdenas Santamaría, no Brasil; as parlamentares Tatiana Cabello e Clara Rojas, ex-refém das Farc; a juíza constitucional Catalina Bottero; a porta-voz do governo, Marcela Durán; e a psicóloga Marcela Calle, da Secretaria de Integração Social de Bogotá. Do exterior, também citadas uma única vez: a presidente brasileira Dilma Rousseff; a primeira-ministra britânica, Theresa May; a representante da diplomacia da União Europeia, Federica Mogherini; a assessora para Segurança Nacional do presidente Barack Obama, Susan Rice; a embaixadora brasileira em Bogotá Maria Elisa Berenguer; e a porta-voz do Alto Comissariado para Refugiados da ONU na Colômbia, Francesca Fontanini.

**Gráfico 2:** Fontes Não Governamentais, por gênero, no *Estadão* (2012-2017)



**Fonte:** Elaborado pelas autoras

As fontes institucionais e organizacionais não governamentais dividem-se em três grupos, a saber: ONGs, entidades e guerrilhas colombianas, com sete, 16 e 89 citações nos textos informativos de *O Estado de S. Paulo*. Das guerrilhas, 85 citações se referem às Farc, enquanto quatro ao Exército de Libertação Nacional (ELN) que, em 2016, iniciou as tratativas de paz com o governo.

Quanto ao gênero, novamente há designações genéricas do tipo “associações de militares vítimas do conflito” ou “ONGs de Defesa dos Direitos Humanos” ou “Fundação País Livre”. Dentre as 80 fontes masculinas citadas, por meio de nome e/ou cargo ou sem especificação (por exemplo, “diretor de uma ONG”, as mais acionadas pelo *Estadão* são das Farc: os líderes guerrilheiros Iván Márquez (Luciano Marín

Arango), negociador chefe em Cuba, 24 vezes; Rodrigo Londoño (Timochenko), 16 vezes; e Pablo Catatumbo (Jorge Torres Victoria), dez vezes. Contudo, mesmo as Farc tenha sido acionada como fonte 85 vezes, por meio da indicação do nome de um guerrilheiro ou por designações genéricas como “Farc”, “um porta-voz das Farc” ou “um soldado das Farc”, o número é bastante reduzido se comparado com o conjunto das fontes ligadas ao governo colombiano. Em 377 textos informativos do jornal brasileiro, o presidente Juan Manuel Santos foi citado 110 vezes, enquanto o líder máximo das Farc, Rodrigo Londoño, 16 vezes.

O número de fontes femininas é significativamente inferior a de masculinas, seis apenas. São elas: a diretora executiva da Fundação Ideias para Paz, María Victoria Llorente, citada duas vezes; a presidente da ONG Transparencia por Colombia, Elisabeth Ungar; a representante da ONG Rede Borboletas, Glória Amparo Arboleda Murillo; além das guerrilheiras das Farc Yurluey Mendoza e Tanja Nijmeijer, holandesa, que aparecem como fontes apenas uma vez cada.

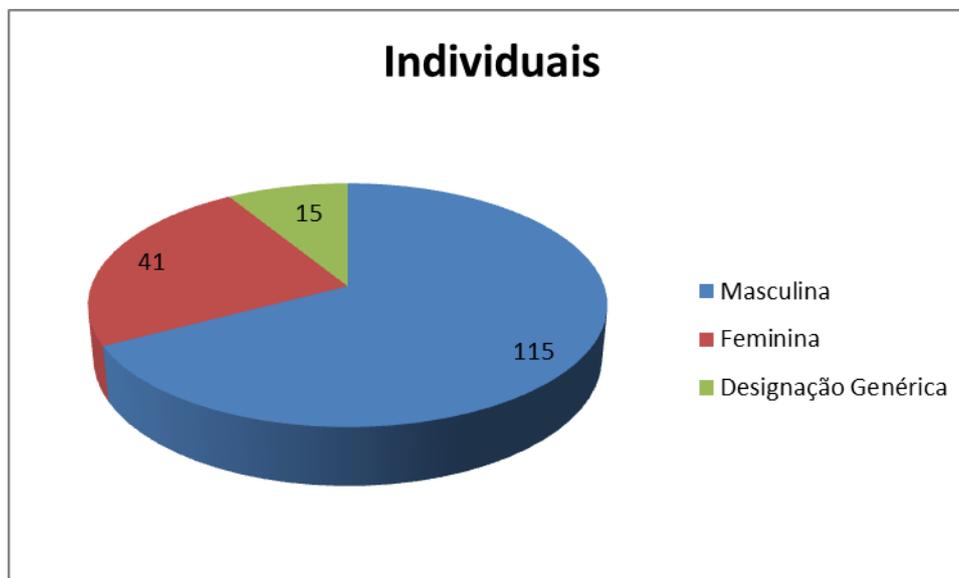
A categoria fontes individuais, que reúne 171 fontes, foi dividida inicialmente em três grupos: testemunhais, ocasionais e especialistas. A partir da análise dos textos do jornal foi necessária a inclusão de mais um grupo, personalidades políticas, visto que lideranças políticas sem vínculo com o governo colombiano figuravam como fontes, como, por exemplo, ex-presidentes, ex-parlamentares, presidentes de partidos políticos. Do total, 40% são especializadas, 22% personalidades políticas, 19% testemunhais e, igualmente, 19% ocasionais. Tais percentuais permitiriam outra análise – que aqui não será desenvolvida – acerca das escolhas de *O Estado de S. Paulo*.

Quanto ao gênero, as fontes individuais (**Gráfico 3**) se distribuem em: 115 masculinas, 41 femininas e 15 genéricas (“analistas”, “especialistas”, “fontes próximas da negociação”, “parentes de vítimas”). Nesta categoria, identificamos a menor recorrência a termos genéricos para nomear as fontes (12 vezes entre as especializadas e uma vez apenas entre as testemunhais, ocasionais e políticas).

As fontes individuais especializadas reforçam as observações do coletivo *Think Olga*, da revista *Superinteressante*, do site *Gênero e Mídia*, anteriormente mencionadas, bem como das pesquisadoras Márcia Veiga da Silva (2010), Karina Janz Woitowicz, e Paula Melani Rocha (2014) e Ana Jorge Alonso (2004), de que a opção se dá pelos homens, ao invés de mulheres, mesmo nos campos em que estas aparecem como especialistas. Das 69 fontes especializadas, 66,6% são homens (46 citações de fontes

masculinas) e apenas 16% são mulheres, ou seja, em apenas 11 ocasiões falam as especialistas. As demais correspondem a designações genéricas.

**Gráfico 3:** Fontes Individuais, por gênero, no *Estadão* (2012-2017)



**Fonte:** Elaborado pelas autoras

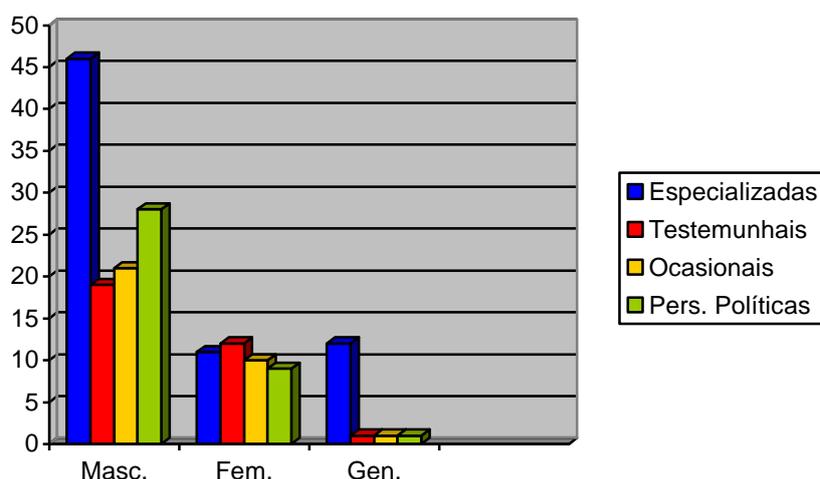
Ao todo, 34 homens são apresentados como especialistas pelo *Estadão*, a maioria professores ou pesquisadores da área da Ciência Política. Carlos Medina Gallego é citado cinco vezes; Frédéric Massé, quatro; Daniel Pécault, três; Alejo Vargas, Andres Molano Rojas e Eduardo Álvarez Vanegas, duas vezes cada; os demais, uma vez apenas. Ao longo dos textos, sete mulheres são citadas, sendo que destas apenas duas mais de uma vez. São elas: Patricia Muñoz, cientista política e pesquisadora da Pontifícia Universidade Javerianaquatro vezes acionada como fonte, e Sandra Borda, cientista política da Universidade de los Andes, duas vezes.

Entre as personalidades políticas há novamente um desequilíbrio entre homens e mulheres que, certamente, reflete a disparidade que existe no próprio cenário político colombiano. São acionadas como fontes 38 personalidades políticas, sendo 28 homens, nove mulheres e uma genérica. Do total de citações a políticos, 13 se alternam nas páginas de internacional de *O Estado de S. Paulo*. Entre eles, o ex-candidato à presidência da Colômbia Óscar Iván Zuluaga, nove vezes; o ex-presidente Álvaro Uribe, seis vezes – quando eleito senador passa a ser contabilidade na categoria das fontes governamentais –; ex-presidente Ernesto Samper, 2 vezes; e o ex-ministro Fernando Cepeda, também duas vezes. As outras nove lideranças políticas masculinas

aparecem apenas uma vez como fontes. Neste grupo, seis personalidades políticas femininas são acionadas como fonte em um total de nove citações. Apenas a ex-senadora, Piedad Córdoba, que negociou a libertação de diversos reféns das Farc, e a ex-candidata à presidência e ex-refém das Farc Ingrid Betancourt aparecem mais de uma vez como fontes políticas.

Entre as testemunhais encontramos 19 homens, doze mulheres e uma designação geral. Essa distribuição se repete de modo semelhante entre as fontes ocasionais, com 21 homens, dez mulheres e uma genérica. O número de fontes masculinas e femininas é equivalente nos dois grupos, bem como o total de fontes acionadas, 32. Todas as fontes testemunhais e ocasionais são acionadas uma única vez no jornal brasileiro.

**Gráfico 4:** Fontes Individuais, por grupo e gênero, no *Estadão* (2012-2017)



**Fonte:** Elaborado pelas autoras

É evidente a profunda diferença no número de fontes femininas e masculinas que compõem as narrativas sobre as negociações de paz na Colômbia propostas por *O Estado de S. Paulo*. Segundo Jorge Alonso (2004, p. 72-73), “la percepción de que el espacio de comunicación es un espacio de poder provoca una necesidad, que se vislumbra como prioritaria: la de analizar la transmisión de valores”.

### Considerações finais

Os aspectos analisados reforçam a perceptível disparidade entre as posições que homens e mulheres ocupam inclusive como fontes do jornalismo. Mesmo que

consideremos as dificuldades que perpassam a produção do jornalismo internacional – o baixo investimento financeiro, o reduzido número de correspondentes, os lugares e os temas que interessam cobrir e as situações de risco a que estão expostos –, ainda assim, a desigualdade entre fontes masculinas e femininas é significativa: apenas 69 mulheres foram apresentadas como fonte durante cinco anos de cobertura das negociações de paz na Colômbia pelo jornal de referência brasileiro *O Estado de S. Paulo*. Enquanto isso, 467 fontes masculinas e outras 100 de designação genérica aparecem. Importante lembrar que a análise considera 636 fontes do total de 882; as fontes documentais e as jornalísticas foram aqui desconsideradas por não ser possível distribuí-las por gênero.

Se comparadas as fontes governamentais, não governamentais e individuais, a maior presença de fontes femininas é dessa última categoria que reúne fontes especializadas, ocasionais, testemunhais e políticas. Dentre as individuais, o maior equilíbrio – se assim podemos nomear – é nas testemunhais, 19 fontes masculinas contra 12 femininas. O desequilíbrio se acentua entre as fontes classificadas como governamentais e não governamentais: em média, uma mulher é acionada como fonte pelo jornal a cada 12,5 homens.

Apesar das campanhas feitas pelos meios de comunicação para haver mais mulheres como fonte, homens continuam sendo as mais procuradas, inclusive no jornalismo internacional. Permanece em aberto outra importante discussão que esses resultados suscitam: observar e analisar quando e como as fontes femininas foram acionadas pelo *Estadão* durante as negociações de paz.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretária Especial de Comunicação Social, 2008. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101411/estudos20.pdf>.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGER, C.; MAROCCO, B. Fonte. In: MARCONDES FILHO, C. (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus: 2009. p. 142-143.

COSOY, Natalio. Como a guerra entre o governo da Colômbia e as Farc começou e por que ela durou mais de 50 anos. **BBC**, 24 ago. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37181620>.

ENTREVISTE uma mulher. **Think Olga**. Disponível em: <http://thinkolga.com/entrevisteamamulher/sobre-o-projeto/>. Acesso em: 14 dez. 2016.

FARC e o conflito que marcou a história colombiana. **Exame**. 25 ago. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/farc-e-o-conflito-que-marcou-a-sangue-a-historia-colombiana/>>. Acesso em: 14 dez. 2016

FONSECA JÚNIOR, Wilson. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

GUEVARA, Kalki Z. C. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e sua atuação no cenário internacional. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, v. 6, 2010, p. 213-240. Disponível em: <[http://www.cedin.com.br/static/revistaeletronica/volume6/arquivos\\_pdf/sumario/kalki\\_guevara.pdf](http://www.cedin.com.br/static/revistaeletronica/volume6/arquivos_pdf/sumario/kalki_guevara.pdf)>.

GONZÁLEZ BUSTELO, Mabel. Colombia, de la guerra antidrogas a la guerra contra el terrorismo, **Instituto de Estudios sobre Conflictos y Acción Humanitaria**, Madri, 11 maio 2010. Disponível em: <<http://www.iecah.org/index.php/articulos/699-colombia-de-la-guerra-antidrogas-a-la-guerra-contra-el-terrorismo>>.

HERSCOVITZ, Heloísa. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 123-142.

JORGE ALONSO, Ana. **Mujeres en los medios, mujeres de los medios**: imagen y presencia femenina en las televisiones públicas: Canal Sur TV. Barcelona : Icaria ; Málaga : CEDMA, DL 2004.

MULHERES são pouco procuradas como fontes jornalísticas na Paraíba. **Gênero e mídia**. 16 set. 2016. Disponível em: <<http://gemufpb.com.br/mulheres-sao-pouco-procuradas-como-fontes-jornalisticas-na-paraiba/>>. Acesso em: 14 dez. 2016

PISMEL, L. M.; CHAGAS, S. R. **Colômbia movimentos pela paz**. Florianópolis: Insular, 2014.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: Um estudo sobre os modos de produção das notícias. Programa de Pós-Graduação (Dissertação). Porto Alegre. 2010.

SOUTO, Fhoutine Marie Reis. Desafios para a análise do jornalismo internacional. **Aurora**. Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, n. 7, 2010. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7\\_v\\_janeiro\\_2010/artigos/download/ed7/4\\_artigo.pdf](http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/4_artigo.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2016.

VIVARTA, Veet; MELO, Jacira (Coords.). **Imprensa e agenda de direitos das mulheres**: uma análise das tendências da cobertura jornalística. Brasília, DF: ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011.

WOITOWICZ, Karina J.; ROCHA, Paula M. (Orgs.). **Marcas e discursos de gênero**: produções jornalísticas, representações femininas e outros olhares. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16716/0>>.